

OS REVIRANTES E AS PRÁTICAS TERRITORIAIS DA COLETA SELETIVA EM UBERABA-MG¹

THE GARBAGE COLLECTORS AND THE TERRITORIAL PRACTICES OF SELECTIVE GARBAGE COLLECTION IN UBERABA-MG

LOS BAZUREROS Y LAS PRÁCTICAS TERRITORIALES DE LA RECOLECTA SELECTIVA EN UBERABA-MG

Mauro Cristiano de Paula Silva²

maurocftm03@gmail.com

Resumo:

Este artigo pretende exprimir as práticas territoriais dos homens e mulheres que reviram as lixeiras em busca de materiais recicláveis na cidade de Uberaba-MG. O ato de revirar as sobras da sociedade em busca de materiais para negociação no que temos proposto chamar de Circuito Espacial Produtivo dos Recicláveis (CEPR) é analisado a partir das categorias trabalho e território praticado. As práticas territoriais e o trabalho de catação foram analisados com base nos conceitos alinhados a Geografia do Trabalho. Foram entrevistados dezesseis (16) catadores, sendo doze (12) do sexo masculino e quatro (4) do sexo feminino. Durante a sistematização das entrevistas, foram colhidas as ideias centrais dos(as) entrevistados(as) e em seguida criou-se um único discurso entre eles no intento de estabelecer as representações sociais.

Palavras-chave: Catadores; Trabalho; Coleta Seletiva; Circuito da Reciclagem.

Abstract:

This article aims to expose the territorial practices of the men and women that scour the garbage cans searching for recyclable material in the city of Uberaba-MG. The act of sifting through the left overs of society searching for material to negotiate in what we have proposed calling the recycling circuit is analysed from the point of view of working categories and territory covered. The territorial practices and the work of garbage collection were analysed based on concepts aligned with Work Geography. Sixteen (16) collectors were interviewed, twelve (12) males and four (4) females. During the systemizing of interviews, were collected central ideas from the interviewed and, in sequence, a single discourse between them was created with the intent of establishing the social representations.

Keywords: Collectors; Work; Selective Collection; Recycling Circuit.

Resumen:

Este artículo pretende expresar las prácticas territoriales de los hombres y mujeres que revuelven los botes de basura buscando materiales reciclables en la ciudad de Uberaba-MG. El acto de revueltear los restos de la sociedad a buscar los materiales para la negociación en lo que proponemos llamar de Circuito de los Reciclables se analiza por medio de las categorías trabajo y el territorio practicado. Las prácticas territoriales y el trabajo de recolecta selectiva fueron analizados basados en los conceptos

¹ Texto elaborado a partir das reflexões e informações obtidos da dissertação de mestrado sob título: *Coleta Seletiva de Recicláveis: o Protagonismo dos Catadores na Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos em Uberaba-MG*. Defendida em 2020 pelo autor no âmbito do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IG-UFU).

² Doutorando em geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); docente na rede estadual de educação de Minas Gerais e educador ambiental na Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis de Uberaba – Cooperu.

alineados a la Geografía del Trabajo. Fueron investigados diezeséis (16) recolectores, doce (12) hombres y cuatro (4) mujeres. Miestras la sistematización de las entrevistas, fueron cojidas las ideas centrales de los(as) investigados(as) y despues fue elaborado un discurso único entre ellos con la intención de establecer las representaciones sociales.

Palavras-chave: Recolectores; Trabajo; Recolecta Selectiva; Circuito de la Reciclage.

INTRODUÇÃO

As práticas territoriais dos catadores, em grande medida, estão imersas na gestão dos resíduos sólidos urbanos de maneira “informal” (uma informalidade instalada pela própria precarização do trabalho intensificada por novos arranjos capitalistas). Nesta reflexão, destacam-se os catadores sem vínculos com um empreendimento solidário, isto é, junto às cooperativas. Estes estão inteiramente inassistidos em seu trabalho de catação e detém tão somente sua força de trabalho para sobreviver, por essa razão a categoria Trabalho é central para esta análise. A atenção deste artigo se concentra nesse sujeito, cujas características são debatidas ao longo do texto, precisamente na apreciação das entrevistas tomadas.

Os Resíduos Sólidos Urbanos (RSU) de distintas tipologias são participantes dos processos produtivo/sociais, das formações e configurações territoriais e dos distintos arranjos espaciais por serem oriundos de objetos de consumo (durável ou imediato). Compreende-se assim que as atividades de recolhimento de materiais recicláveis no território, cujas atividades se constituem uma “totalidade em movimento” (SANTOS, 2012, p. 118-119), isto é, o trabalho da Gestão Integrada dos Resíduos Sólidos Urbanos (GIRSU), por ser um processo que envolve múltiplos atores e distintos interesses, se caracteriza pelo dinamismo inscrito em determinada territorialização que evolui conforme os recursos técnicos alocados no espaço em tempos desiguais.

Por assim dizer, este artigo campeou sistematizar as contribuições do trabalho dos catadores de modo a colaborar com o debate junto ao poder público local e instituições envolvidas com a coleta seletiva, na possibilidade de mitigar o circuito de exploração a que o catador está submetido. O artigo traz dois momentos de reflexão: no primeiro, abordam-se os fundamentos teóricos e metodológicos da categoria Trabalho articulados a uma base geográfica, o território; no segundo, refletimos sobre a base empírica propriamente da pesquisa, centralizando o sujeito revirante no território praticado. No interregno de ambos os momentos situa-se uma breve caracterização da cidade de Uberaba-MG.

Assim sendo, este artigo tem por objetivo exprimir as práticas territoriais dos catadores e catadoras de materiais recicláveis na cidade. O procedimento metodológico para

se alcançar este objetivo passa pelo uso de entrevistas semiestruturadas com os sujeitos catadores na perspectiva da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): o uso da técnica é fundamentado em Figueiredo, Chiari e Goulart, (2013) e visa construir um discurso único entre os participantes de determinado segmento.

A análise do material verbal coletado dos depoimentos passa por uma categorização em que as expressões chaves e ideias centrais são agrupadas formando uma síntese e, por conseguinte, se constitui num discurso único (LEFEVRE; CRESTANA; CORNETTA, 2003, p. 70). De modo que foi realizada uma série de entrevistas com os participantes a partir de duas (2) questões abertas que se identificam com a realidade dos sujeitos para exprimir o discurso de cada grupo investigado. As entrevistas tiveram como finalidade compreender as dimensões espaciais/territoriais e políticas que contornam o estudo, problematizando as questões que envolvem a divisão territorial do trabalho e o próprio trabalho dos catadores de materiais recicláveis, tendo em vista a sua condição atual e o modo de como estes sujeitos estão fazendo uso do espaço/território em Uberaba-MG.

Ao todo foram entrevistados dezesseis (16) catadores, sendo doze (12) do sexo masculino e quatro (4) do sexo feminino, em distintas localidades da cidade. Durante a sistematização das entrevistas, priorizaram-se as ideias centrais dos(as) entrevistados(as) e, posteriormente, criou-se um único discurso entre eles no intento de estabelecer suas representações sociais.

As entrevistas foram gravadas em aplicativo de celular e transcritas na íntegra, posteriormente foram trabalhados os recortes de maior relevância para o propósito da pesquisa, dado o teor das respostas pelas indagações dirigidas aos entrevistados. Preocupou-se também com o cuidado de, no ato das transcrições, não causar desrespeito às falas dos sujeitos entrevistados, obedecendo corretamente o “léxico das palavras ditas” (WHITACKER, 2002), sem desvalorizar o discurso de uma categoria já estigmatizada pela sociedade, dadas as dificuldades de acesso à educação formal em sua história vivida.

O LUGAR DO TRABALHO NA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DO TRABALHO COMO ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS NO CIRCUITO DA RECICLAGEM

Este subtítulo traz duas análises preliminares para uma compreensão: primeiro, situamos a categoria trabalho no universo do raciocínio geográfico; e segundo, levantam-se

alguns pressupostos teóricos e epistemológicos fundantes da categoria trabalho no intento de articulá-los às práticas espaciais dos catadores.

Como base fundacional do alto-desenvolvimento humano, o trabalho assume uma posição ontológica na vida do homem/mulher, promovendo interação com a realidade objetiva, construindo, destruindo e reconstruindo a dinâmica espacial. Embora as bases primárias do ser social já apontam para a relação homem/meio (MOREIRA, 2007) ou sujeito/objeto (GOMES, 1992), mediadas pelo trabalho, nexos ulteriores ainda são necessários para se chegar à práxis social e assim capacitar uma análise para as formas mais desenvolvidas e complexas da sociedade.

Fundamentos encontrados em Lukács (2010), na medida em que a sociedade alcança estágios superiores de evolução, cujos saltos marcam as rupturas rudimentares ao tempo que preservam permanências indissociáveis, inaugurando novos pilares materiais de existência, isto é, incorporando “novos complexos”, o homem passa a se reproduzir socialmente concomitante à reprodução da própria sociedade (LUKÁCS, 2010, p. 73). Assim, quando tudo o que é extraído no meio natural para fabricação de coisas e o que é consumido transforma-se em rebotalhos a serem descartados, o circuito dos resíduos vem acompanhando, em medidas desiguais, a reprodução social e socializada da qual participa.

Tal interdependência, entre o trabalho humano e a reprodução social, permite à Geografia tomar a categoria “Trabalho” para investigar as indagações da realidade em movimento, podendo-se, em linhas gerais, falar em uma “Geografia do trabalho” (THOMÁZ JÚNIOR, 2002). Como é sabido, o trabalho é a força humana empregada para se produzir mercadorias. Se “capital é trabalho acumulado” (MARX, 2005 p. 68), então o que é produzido no espaço urbano, entre suas características multifacetadas, é igualmente acúmulo de trabalho através dos tempos.

A relevância que se presta a essa reflexão em que o trabalho é categoria central para a análise geográfica, está no fato [concreto] de o trabalhador brasileiro vivenciar os mais implacáveis ataques aos direitos trabalhistas, outrora conquistados à base de suor e sangue. A atual conjuntura brasileira faz acirrar a contradição capital x trabalho, de modo que para segmentos hegemônicos, ávidos por mais-valia, o que importa são as flexibilizações, a terceirização, a informalidade, o mérito individual e demais formas infundas, intra/empresas e instituições públicas, de extrair mais trabalho em menos tempo.

Todavia, o debate sobre a Geografia enquanto disciplina interprete da realidade concreta, social e espacial a partir da perspectiva da categoria trabalho, não se dá sem antes passar, como explica França (2014), pelo crivo teórico e metodológico.

Teórico porque, apesar da condição de ciência que objetiva compreender a relação sociedade-natureza, ela não o considerou historicamente, como uma das principais categorias para a compreensão do real. E metodológico, pois, não havendo a tradição dessa abordagem, como um dos conceitos principais, no âmbito das pesquisas sobre o espaço geográfico, há a necessidade de tecermos nossos caminhos, uma vez consciente de que não há como menosprezar essa categoria ontológica fundamental [...] (FRANÇA, 2014, p. 04).

Duas são as questões para essa deficiência epistemológica da geografia: Yves Lacoste (1988) explica que a primeira refere-se aos historiadores que arbitrariamente queriam uma “geografia modesta”, e a segunda questão refere-se aos próprios geógrafos que se silenciaram frente a essa arbitrariedade. Conforme Lacoste, foi o historiador e fundador da escola dos anais, Lucien Febvre, quem estabeleceu, em seu livro *A terra e a evolução humana, introdução geográfica à história* de 1922, as limitações para o trabalho intelectual dos geógrafos e, Lacoste explica o que seria, na visão de Febvre, uma geografia modesta:

[...] É uma geografia que não toca nas questões políticas e militares, que evoca, o menos possível, problemas econômicos e sociais, que trata das condições geológicas e climáticas dos solos e do “habitat” rural, mas muito pouco das cidades – em resumo, uma concepção das mais restritas da geograficidade, aquela do Quadro (LACOSTE, 1988, p. 122).

Sendo assim, “condenada” a um confinamento empobrecido de teorias e metodologias que apreendem a realidade humana, a geografia é herdeira de inúmeros desafios para se manter enquanto ciência capaz de interpretar o mundo. Entretanto, na senda da geografia do trabalho, são dois os desafios, como nos apresenta Thomaz Junior (2002), em suas iguais preocupações com o método e constante busca por uma epistemologia que lograsse as condições para o enfrentamento do problema teórico.

O autor argumenta:

[...] destacamos algumas questões de cunho metodológicas e epistemológicas e centralmente guiadas pela tentativa de compreender a geografia do trabalho sob a razão ontológica do ser social que trabalha, com o propósito de participarmos de um debate que julgamos imprescindível para a geografia e que requer nossas atenções para quais as

categorias e o universo conceitual próprio da geografia. De posse disso, como operacionalizar as categorias de base da geografia (paisagem, território, lugar e espaço) a fim de que se façam as mediações necessárias? Entendemos que há uma linha direta de comunicação dessa questão rumo ao atendimento dos desafios postos pelo sujeito, que no esforço contínuo de teorização, a partir das experiências da práxis das pesquisas, referendadas por dentro da dinâmica da sociedade, as faces e interfaces do mundo do trabalho sinalizarão a importância de cada uma delas para a concreção de uma geografia do trabalho, que seja fundada na compreensão histórica do trabalho, (tanto no âmbito da materialidade quanto da subjetividade), a partir das formas e faces do espaço que o regula, ou seja, no seu metabolismo societário (THOMÁZ JÚNIOR, 2002, p. 03).

Articular Trabalho e Geografia demanda do pesquisador, no entanto, definir uma base empírica que se expresse como categoria geográfica imprimindo-lhe uma análise da dinâmica do trabalho. Será possível, porém, pensar numa geografia do trabalho somente se a dinâmica do mundo do trabalho e sua interface direta com a sociedade trouxerem consigo uma análise que apreende as transformações espaciais quer seja no território, na paisagem, no lugar etc.? Ou tal pressuposto não chegaria a alcançar nada menos que a reprodução ideal de um conhecimento teórico positivista do objeto? Já não se admite uma geografia preocupada tão somente aos processos e resultados de trabalhos que desconsiderem sua essência ontológica, sobretudo, a teleologia presente tanto no *homo sapiens* como no *homofaber* para usar uma expressão gramsciana.

Certo é que as transformações causadas pela dinâmica do trabalho no espaço transformam ou modificam, ao mesmo tempo, as próprias relações de trabalho de modo que se tem, por um lado, as mudanças de ordem material, de outro lado, as mudanças de ordem subjetiva, referentes ao ato laborativo. Significa apreender, numa análise anterior, que a subjetividade do ser que trabalha ordena a produção material.

Para tratar dessa relação metabólica recorre-se a Lukacs (2010) que assim fundamenta:

A essência ontológica do dever-ser no trabalho dirige-se, certamente, ao sujeito que trabalha e determina não apenas seu comportamento no trabalho, mas também seu comportamento em relação a si mesmo enquanto sujeito do processo de trabalho. Este, no entanto, como já acentuamos expressamente ao fazer tais considerações, é um processo entre o homem e a natureza, é o fundamento ontológico do metabolismo entre homem e natureza (LUKACS, 2010, p. 77).

Essa citação é bastante oportuna e pode ser observada em dois momentos: primeiro, observa-se o gradual aperfeiçoamento da consciência humana, que por meio do ato de exercer trabalho o homem reflete sobre si mesmo; segundo, e o que mais interessa, o homem, ao lidar com a natureza, estabelece a relação metabólica de que fala o autor como base ontológica, inserido nela, transformando-a e sendo por ela transformado ao lado de outros seres sociais no mesmo processo e sociabilidade.

Em se tratando do primeiro momento Oriestes Gomes (1991) é mais direto e paradoxalmente prolixo em sua formulação, porém, válida para essa análise:

É pela ação do seu trabalho social realizado sobre o mundo da natureza e da sociedade que o ser humano vem formando a sua consciência, aperfeiçoando-a continuamente. O contato direto com a realidade objetiva no seu dia-a-dia de trabalho, fez do homem um ser superior dotado da capacidade de pensar, raciocinar, idealizar, sistematizar e refletir esta mesma realidade como forma de conhecimento superior (GOMES, 1991, p. 102).

Refletindo sobre a distinta passagem de Marx em *O capital* sobre a diferenciação que o filósofo faz entre o pior arquiteto e a mais habilidosa das abelhas ou ainda em outra tradução sobre a diferença entre o pior tecelão e a mais primorosa das aranhas, Ricardo Antunes (2005) coloca que “[...] o ser social dotado de consciência tem previamente concebida a configuração que quer imprimir ao objeto do trabalho no ato de sua realização” (ANTUNES, 2005, p. 67).

Diversos autores de distintas áreas do conhecimento têm formulado citações semelhantes para fundamentar o estágio “superior” que o ser social se encontra em relação aos seres inorgânicos e orgânicos, de modo que se tornou lugar comum nas análises acadêmicas. Portanto, passemos, pois, para o segundo momento da citação de Lukacs que traz a ideia da relação metabólica entre o homem e a natureza e com ela toda a carga de subjetividades que avançam gradativamente nas relações com outros homens.

É refletindo a partir dessa relação que se pode admitir o raciocínio geográfico em sua concretude conforme a compreensão de Thomaz Junior (2002), este autor também destaca o processo dialético em que o homem se humaniza:

Com as atenções voltadas, então, para a dialética do processo social, o trabalho sob o enfoque geográfico, é compreendido por nós, pois, como expressão de uma relação metabólica entre o ser social e a natureza, sendo que nesse seu ir sendo ou em seu vir a ser está inscrita a intenção

ontologicamente ligada ao processo de humanização do homem (THOMÁZ JÚNIOR, 2002, p. 03).

A cada período histórico, novas sociabilidades vão se formando e, no interior de cada uma delas, por intermédio do trabalho, a humanidade vem construindo seu autodesenvolvimento e as relações de trabalho que transformam a sociedade e criam, ao mesmo tempo, as condições para que por ela [a sociedade] o próprio trabalho sofra suas transformações. E a partir disso, ao longo dos tempos, as formas e os conteúdos que dinamizam as sociedades pretéritas e atuais podem ser compreendidos pelo raciocínio geográfico, considerando o caráter polissêmico do trabalho, sobretudo no que propomos investigar: o trabalho dos catadores de materiais recicláveis no escoregadio temário da Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos.

A própria temática da presente pesquisa, como já mencionada, manifestam-se múltiplas formas de trabalho, desde a fonte geradora à transformação dos materiais em novo produto. Ademais, os trabalhos realizados durante todo processo apontam para uma sociabilidade quase particular entre os trabalhadores no interior do circuito da reciclagem.

A referência à sociabilidade se coloca como um imprescindível conceito para este tema. Desse modo, Ruy Moreira (2007) recorre a autores como Georgy Lukács, Vidal de La Blache e Milton Santos para fundamentar a aproximação do conceito de sociabilidade com as teorias geográficas, tendo o Trabalho como elemento articulador. Isso porque o homem é o único animal capaz de se auto-realizar como ser social por meio do trabalho.

“A sociabilidade”, escreve Moreira (2007, p. 174), “é o todo societário formado pela integração das esferas da vida humana pelo metabolismo do trabalho e cujo conteúdo é o salto de qualidade da história natural da natureza [...]”. Destarte, quando o trabalho evolui suficientemente com o objetivo de produzir valores de uso numa escala de interatividade entre distintos grupos de seres sociais em que a cooperação é indispensável, significa que o trabalho se desenvolveu na forma de práxis social. Neste ponto o sociólogo do trabalho Ricardo Antunes identifica que:

Emerge aqui a práxis social interativa, cujo objetivo é convencer outros seres sociais a realizar determinado ato teleológico. Isso se dá porque o fundamento das posições teleológicas intersubjetivas tem como finalidade a ação entre os seres sociais (ANTUNES, 2002, p. 139).

Em sentido mais abrangente, o trabalho se desenvolve “para o processo de humanização do homem”, saltando de uma posição teleológica primária para posições teleológicas secundárias, de modo tal “que se constituem como momento de interação entre seres sociais, de que são exemplos a práxis política, a religião, a ética, a filosofia, a arte etc.” (ANTUNES, 2002, p. 142). As relações societárias vão, de tal forma, se constituindo de modo que explicitam uma sociabilidade fundada na integração metabólica entre o trabalho e os níveis da existência humana.

Em suas *Reflexões sobre teoria crítica em geografia*, Gomes (p. 101, 1991) também discute “o espaço geográfico como resultado da materialidade do processo de trabalho do homem”. O trabalho social produtivo é, portanto, corolário do permanente aperfeiçoamento de toda materialidade existente e por existir.

Afirmou-se, anteriormente, a necessidade de definir uma base empírica que se expresse como categoria geográfica, imprimindo-lhe uma análise da dinâmica do trabalho. Destarte, em conformidade com as observações incipientes dessa pesquisa, o território é a categoria geográfica de excelência para a análise que se propõe investigar, embora sendo o mercado da reciclagem um fenômeno econômico cujas relações se dão sob uma base material que envolve a categoria lugar, em razão da singularidade expressa nas ações dos catadores, justificada pelo acontecer homólogo e complementar em contraposição do acontecer hierárquico muito presente nas relações de cooperação e de conflitos no circuito espacial da reciclagem.

Falar de um território de trabalho dos catadores de materiais recicláveis não implica admitir o conceito clássico de que o território é conforme Souza (2007, p. 78), “[...]fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”.

Mas tratando-se da ação dos catadores no território que conforma o circuito da reciclagem na cidade, esse território é constituído sob as horizontalidades na perspectiva do “homem lento”. Segundo Santos (2012), “a força é dos lentos”, pois os lentos têm a capacidade de enxergar para além das imagens “pré-fabricadas” que para eles são miragens e por isso “são os pobres que, na cidade, mais fixamente olham para o futuro” (SANTOS, 2012, p. 325). O trabalho de catação é também uma prática que sugere o aparecimento de práticas adjacentes. Cada trabalhador desempenha uma prática particular no território que atua. Santos e Silveira falam de um território usado:

A partir desse ponto de vista, quando quisermos definir qualquer pedaço do território, devemos levar em conta a interdependência e a inseparabilidade entre a materialidade, que inclui a natureza, e o seu uso, que inclui a ação humana, isto é, o trabalho e a política (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p. 247).

O território concebido sob esse prisma permite, segundo Ribeiro (2003, 37), “enredar sistema técnico e sistema de ação numa proposta de compreensão da totalidade concreta em que a problemática do ser social envolve a experiência prática do espaço e a valorização plena da ação política”. Considerando territórios horizontais como os quais estão inseridos os catadores, o trabalho e a política exercidos por eles são negados pelos atores hegemônicos inseridos no sistema de territorialidades verticais que insistem em seu não reconhecimento ou reconhecimento dissimulado.

Contudo, cabe um adendo acerca da empregabilidade dos termos territorialização e territorialidade que são mencionados conforme os contextos descritos e analisados neste artigo por se tratar de dois momentos distintos. Com base nas teorias sobre o espaço territorial, tem-se que o território apropriado é constituído a partir de uma coletividade. Territorialização é um processo que se constitui, sobretudo, na busca de uma identidade política e ideológica na formação cultural dos sujeitos sociais que compõem o movimento “socioterritorial”. A territorialidade se constitui no modo como os sujeitos, mediatizados uns pelos outros, atuam sobre o território, portanto, trata-se de um efeito da territorialização³.

Deste modo, o termo, cunhado por Ribeiro (2003), “território praticado” conquista força política tendo em vista as noções de cotidianidade, saber local e a ação dos sujeitos participantes com sua carga cultural. Esses elementos são para a autora uma justaposição a favor do território praticado em complementaridade com o uso do território.

A autora afirma:

O território usado, na perspectiva da dialética criadora entre sistema técnico e sistema de ação, constitui, na obra de Milton Santos, uma configuração espessa de mediações (materiais e imateriais) que concretiza o agir político. O território é usado e praticado (RIBEIRO, 2003, 37).

Neste território praticado, é que ocorre o encontro das ações com a materialidade em duas tipologias temporais numa dialética sempre inconclusa: de um lado, o tempo rápido imposto pelo frenesi da indústria da reciclagem e de outro, a fuga dos homens lentos de sua

³ Em determinados contextos em que o trabalho acadêmico foi desenvolvido, constata-se esses dois momentos: territorialização enquanto processo de apropriação do território e territorialidade enquanto modo particular de atuação sobre o território, sendo o segundo tributário do primeiro.

precariedade vivida. Precisamente, a dinâmica oferecida pelo trabalho de catação no seio dessa territorialização em processo constitutivo permite ser analisada pela esguelha da geografia do trabalho, sem desconsiderar a dimensão política, praticada na cotidianidade, como produtora de normas que ora geram e ora degeneram.

Categorias tomadas como interdependentes “trabalho e território” se articulam em temporalidades e escalas espaciais distintas. Na visão de Azaïs (2004), os cientistas têm abordado ambos os conceitos separadamente ou de forma a não assimilar tal articulação. O referido autor realiza uma tentativa de considerá-los conjuntamente, embora demonstre inabilidade com os postulados geográficos referentes ao temário do território.

Os conceitos “trabalho e território” são centrais para os economistas. Azaïs (2004) realiza um debate levantando as dificuldades para tal articulação justificadas pelas temporalidades desiguais:

[...] a dificuldade de articulação entre o trabalho e o território decorre principalmente de sua inscrição em temporalidades diferentes: num tempo longo e curto no que diz respeito ao território e num tempo curto para o trabalho, o que pode prejudicar o processo de sedimentação dos processos sociais e institucionais (AZAÏS, 2004, p. 31).

Embora o autor alcance êxito ao discorrer sobre variados territórios com empresas e instituições alocadas sendo responsáveis pela dinâmica do trabalho, não há uma análise das múltiplas relações socioespaciais em que tal articulação se acerque de ambas as categorias. Cabe assinalar, ainda, em forma de inferência ao debate com este autor economista, que se as instituições e empresas dinamizam o trabalho onde estão instaladas, a relação da dinâmica que o trabalho exerce nos territórios é igualmente verdadeira.

Dito isto, passemos a desenvolver a reflexão da base empírica centralizada no sujeito que trabalha, encadeando a prática territorial presente no circuito da reciclagem com os conceitos supracitados nesse tópico, e de como os revirantes, ao revirar as sobras da sociedade, fazem possibilitar o desenvolvimento de seu próprio território de influência a partir da prática espacial cotidiana junto à população de Uberaba-MG.

UBERABA-MG: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOESPACIAL

Estimada em 340 mil habitantes⁴, a cidade de Uberaba está localizada na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (TMAP). Por razões históricas, políticas e econômicas constitutivas, “essa região é rota de fluxo do eixo São Paulo x Brasília, cujos circuitos espaciais de produção entre o Sudeste e o Centro-oeste estão entre os mais variados do país” (SILVA, 2020, p. 98). A cidade está equidistante dos grandes centros urbanos brasileiros, são aproximadamente 500 km das capitais: São Paulo, Belo Horizonte, Goiânia e Brasília.

Gomes (2017) destaca que “Nas últimas décadas, todavia, tem-se disseminado a plantação de cana-de-açúcar nas áreas de cerrado, onde se observa a presença de grupos nordestinos que fizeram grandes investimentos no setor sucroalcooleiro local” (GOMES, 2017, p. 526). A autora esclarece as implicações das atividades agroindustriais que culminaram na diversificação do processo produtivo tanto em Uberaba como em toda região do TMAP, todavia, em trabalho anterior registramos que

Em escala nacional Uberaba se destaca pela feira agropecuária (expozebu) que acontece todo ano no mês de maio. Além dos leilões milionários dos animais de distintas categorias da agropecuária, a feira exhibe modernos maquinários agrícolas que também refletem o processo de modernização na região e as novas técnicas no uso da terra (SILVA, 2020, p. 98).

Estes predicados fazem de Uberaba uma cidade média com um fluxo, relativamente, intenso de pessoas das regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e do interior de São Paulo (cidades paulistas próximas da divisa com Minas Gerais) atraídas pelos serviços oferecidos na cidade. Tais características demonstram, por um lado, o grande potencial de se desenvolver a coleta seletiva e, por outro lado, fica claro o relativo atraso da cidade, por parte do poder público, em não oferecer ou não haver contribuído com o serviço de coleta seletiva com inserção socioprodutiva dos catadores de forma adequada em conformidade com os preceitos da Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS), ainda nos dias atuais, ou seja, não há contrato formal ou convênio com a cooperativa de catadores.

A Gestão dos Resíduos Sólidos Urbanos em Uberaba é administrada pela Companhia Operacional de Desenvolvimento, Saneamento e Ações Urbanas – Codau. A cidade possui um aterro sanitário municipal e um aterro privado; 11 Ecopontos que recebem entulhos de construção, massa verde entre outros resíduos da comunidade; dezenas de empresas atuam

⁴ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/uberaba.html>. Acesso em 24-12-2022.

no ramo da reciclagem; e conta também com uma cooperativa de catadores com 54 cooperados. Não há um número exato de catadores não organizados em cooperativas e associações na cidade, a secretaria de desenvolvimento social estima entre 3 a 4 mil indivíduos que vivem na condição de catadores, todavia, é uma investigação em aberto.

O TERRITÓRIO PRATICADO PELOS REVIRANTES EM UBERABA-MG: TRABALHO E PRÁTICAS COTIDIANAS NA COLETA SELETIVA

Revirantes é uma expressão que aponta uma identificação do sujeito diante do trabalho exercido pela categoria dos catadores, não se trata de uma identidade por eles reconhecida. É uma expressão cujo vernáculo em si verbaliza o trabalho na fonte. Não se tratando definitivamente de uma proposta para mudança na nomenclatura, mas para exprimir o labor cotidiano dos catadores e catadoras. Representados pelo Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis (MNCR) o termo “catador” é sua máxima identidade incorporada pelo movimento representativo da categoria, enquanto a expressão “revirantes” cumpre o papel de movimento ou fluidez do ato de catar materiais recicláveis direto na fonte geradora.

É comum encontrar na literatura especializada distintas nomenclaturas para designar os catadores: no senso comum são confundidos com os catadores de lixo; Bursztyn (2003) os designa por “nômades viradores”; Calderoni (1999) por “agentes da reciclagem”; Gama (2015) por “garimpeiros urbanos”; entre os próprios catadores há controvérsias quanto ao termo “catadores avulsos”⁵; outra expressão muito utilizada é a de “catadores autônomos”; já os manuais de reciclagem e documentos oriundos de secretarias de governo denominam os catadores eufemicamente por “agentes ambientais e/ou da sustentabilidade”.

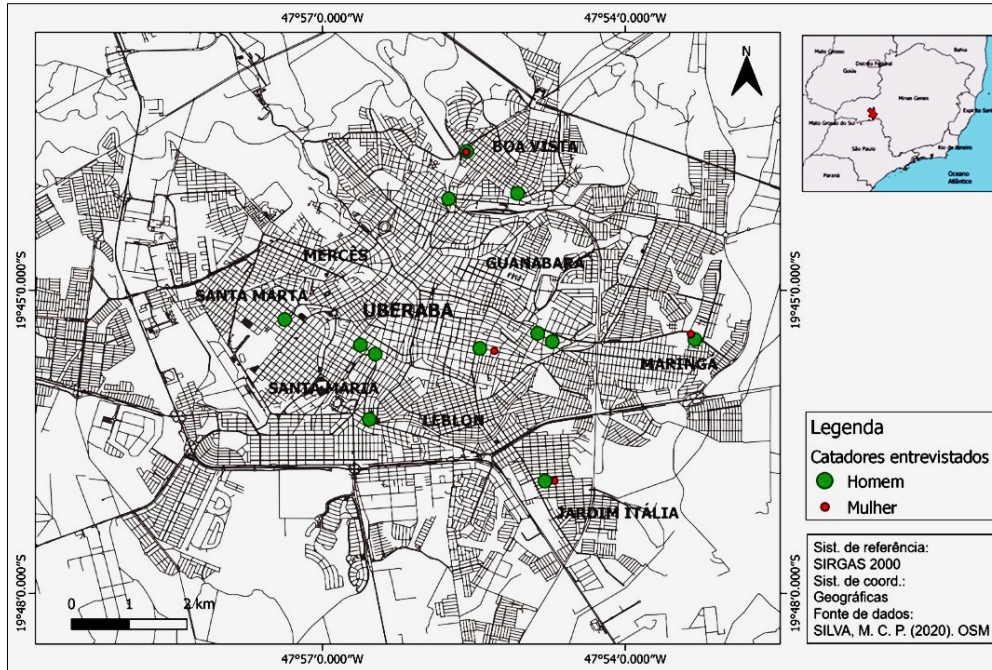
As formas de organização do trabalho dos catadores seguem uma lógica cujas práticas obedecem a dois elementos essenciais: 1) a disputa por território; e 2) o circuito por eles realizados para ter acesso aos materiais. As entrevistas semiestruturadas apresentadas neste artigo têm abordado esses dois elementos entre outros que se traduzem nas práticas territoriais cotidianas dos catadores.

Os sujeitos entrevistados são identificados na sequência de 1 a 16, contudo, destacamos aqui outros dois entrevistados: os sujeitos 17 e 18, estes últimos são empresários

⁵ Participação do Autor em evento “expocatadores, São Paulo - 2022” em que foi estabelecida a polêmica sobre o termo catador avulso entre os participantes.

da reciclagem⁶ que compram e vendem materiais recicláveis. O mapa da figura 1, indica as localidades das entrevistas com os sujeitos de 1 a 16.

Figura 1: locais de realização das entrevistas, Uberaba-MG, 2019.



Fonte: Base cartográfica: IBGE, 2016. Elaboração de Oliveira, A. C. (2022).

Considerando a perda de elementos no mapa da figura 1, optamos em espacializar, conjuntamente, os locais das entrevistas com uma imagem capturada do programa *Google Earth Pro* (figura 2) como suprimento de identificação espacial.

⁶ Conhecidos também como empresas de intermediação ou atravessadores, donos de depósitos de recicláveis ou ainda sucateiros, estes repassam os valores da indústria aos catadores garantindo para si uma margem de lucratividade que joga o trabalho da fonte na menor margem de ganho.

Figura 2: locais de realização das entrevistas, Uberaba-MG, 2019.



Fonte: Imagem Google Earth. Acesso em jan/2020. Recorte: Silva (2020)

As pesquisas com os catadores possuem uma intencionalidade com base no conhecimento dos diferentes bairros da cidade de Uberaba, de modo que os indivíduos entrevistados foram convidados para a entrevista em distintos pontos a se compreender o território de atuação destes catadores. Os dados a seguir (quadro 1) apresentam algumas características socioeconômicas dos sujeitos entrevistados.

Quadro 1: perfil socioeconômico dos catadores avulsos, 2019.

Estado civil segundo declaração	Nº	%
Casado(a)	6	37
União estável	5	32
Solteiro(a)	0	0
Separado(a)	3	19
Viúvo(a)	2	13
Idade		
25 a 35	1	6
36 a 45	2	13
46 a 60	5	31
61 a 70	4	25
Acima de 70	4	25
Número de dependentes		
0	2	12
1 a 3	7	44
4 a 6	6	38
7 a 10	1	6
Coabitam		
0 a 1	6	
1 a 3	10	

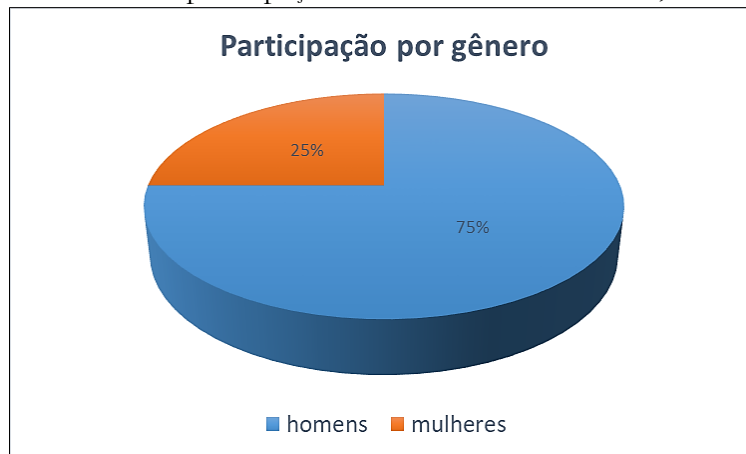
Escolaridade		
Nenhuma formação	2	12
Fundamental incompleto	10	66
Fundamento completo	3	19
Médio incompleto	0	0
Médio completo	1	6
Moradia		
Própria	6	37
Alugada	4	25
Cedida	4	25
Morador em situação de rua	2	13
Como recolhe		
Carrinheiro	6	37
Moto e carretinha	1	6
Saco na mão	2	13
Bicicleta	4	25
Carrinho de supermercado	2	13
Ajuda de moradores	1	6
Profissão / ocupação anterior		
Lavrador(a)	5	31
Construção civil	3	19
Funcionário público	1	6
Serviços gerais	4	25
Caixa de supermercado	1	6
Dona de casa	2	13

Fonte: trabalho de campo, Silva (2019).

Por se tratar de uma categoria multifacetada de trabalhadores, o quadro socioeconômico salienta que, dentro da atividade de catação, é comum entre eles poder haver discrepâncias tanto nos rendimentos como nas condições de vida. *Paripassu* têm-se os catadores que possuem casa própria e os que vivem em condições de rua; têm-se aqueles que realizam o trabalho de catação utilizando-se de carrinhos com maior capacidade de recolhimento e aqueles que recolhem fazendo uso de uma simples sacola grande; há também discrepâncias entre os entrevistados quanto ao tempo de trabalho exercido por cada indivíduo.

Puderam ser observadas algumas diferenças entre os homens e as mulheres durante as entrevistas. O gráfico 1 destaca a participação de homens e mulheres na reciclagem.

Gráfico 1: a participação dos catadores e catadoras, 2019.



Fonte: trabalho de campo, Silva (2019).

Vale ressaltar que esse percentual do gráfico 1 se refere aos entrevistados que participaram desta investigação e não se trata necessariamente de um comportamento da categoria. Embora o que foi investigado e registrado nas entrevistas se aproxime das características de outras literaturas sobre a questão do gênero no ramo da reciclagem: o número de homens no trabalho de catação nas ruas é maior do que o de mulheres, enquanto é maior o número de mulheres trabalhando nos centros de triagem das cooperativas e associações no trabalho de classificação de materiais recicláveis.

A jornada de trabalho deles é maior do que a delas. Entre elas, a jornada varia de 2 a 8 horas, quando se trabalha todos os dias da semana, contudo, há aquelas catadoras que trabalham somente três dias na semana, enquanto os homens, com exceção do Sujeito 16, trabalham entre 6 e 15 horas diárias, alguns estendem para o fim de semana. Outro fator está na prioridade de usos com o que se recebe com a venda dos materiais. Ainda que haja ocorrências similares, as mulheres priorizam, em geral, as despesas da casa e compra de medicamentos. Já as prioridades dos homens oscilam entre as despesas da casa e sustento dos vícios⁷. Entre as prioridades peculiares destaca-se o pagamento de pensão para os filhos e contribuição na mensalidade dos estudos dos filhos e netos.

Segundo o Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis (MNCR), as mulheres respondem por 75% da força de trabalho nos centros de triagem (CHERFEN, 2016, p. 48). Os pesquisadores Dagnino e Johansen (2017) trataram de estimar a quantidade de catadores

⁷ Pelo menos dois entrevistados (exatamente os que vivem em situação de rua) deixaram claro que utiliza o rendimento com a reciclagem para esse fim.

no Brasil de modo que os dados investigados e apresentados por meio de pirâmides etárias indicam maior número de catadores do sexo masculino recolhendo nas ruas:

Se nas duas pirâmides o número de homens é maior que o de mulheres, essa relação é ainda mais forte entre os catadores. Tal relação é chamada de razão de sexo (RS) – em que o valor 100 indica uma distribuição equânime dos sexos: acima de 100 tem-se o predomínio de homens e, abaixo, de mulheres – e mostra que nos catadores e na PO⁸ predominam os homens (RS = 219,63 e 136,39, respectivamente), mas no primeiro grupo os homens possuem um peso bem mais elevado (DAGNINO e JOHANSEN 2017, p. 120).

Como já mencionado no final do tópico anterior, estima-se entre 3 a 4 mil indivíduos que vivem na condição de catadores em Uberaba, essa imprecisão do número de catadores na cidade, exige uma investigação consistente a ser realizada.

As entrevistas foram realizadas a partir de aplicativo instalado em um celular smartphone, muitas entrevistas transcritas aqui aparecem fragmentadas por razões práticas: os ambientes nem sempre eram silenciosos e parte do que foi gravado aparece inaudível; havia interrupções no momento da entrevista; e são muitas as falas selecionadas em função do objetivo dos questionamentos.

A fundamentação sobre transcrições de entrevistas é encontrada em Dulce Whitaker (2002), a autora problematiza o modo de como respeitar a fala do entrevistado, considerando que não se trata de problematizar o ponto de vista linguístico:

É evidente que a sintaxe de qualquer discurso deve ser respeitada para que uma transcrição seja fidedigna. Assim, se o falante comete erros de concordância ou de regência de verbo, por exemplo, deve-se reproduzi-los em qualquer transcrição. Até porque a norma culta da língua é por vezes desrespeitada mesmo nos grupos que se consideram mais eruditos. Transcrever erros de sintaxe não configura, portanto, falta de respeito em relação a fala do outro. Falta de respeito seria corrigi-los (WHITAKER, 2002, p. 116).

Perguntados sobre as disputas territoriais durante suas práticas de catação pelas ruas, obtiveram-se respostas muito semelhantes entre os catadores (bloco de respostas a seguir) e garantiram que as disputas existem, mas não existem conflitos entre eles.

Sim, sim, sim, de repente tem, tem uns rapaz que é muito ignorante, tem umas pessoa que é muito ignorante né? Acha que vai toma o espaço deles, mas quando eu to vendo uma pessoa ali, eu tenho que desviar pra dá esse problema, eu não gosto de problema [...] eu evito muito, muito que eu posso, eu evito, talvez num, nem tem nada, num tem nada na minha sacola, num tem nadinha, mas num importo, eu volto depois de novo (Entrevista com o Sujeito 1, 20-09-2019).

⁸ A sigla usada pelos autores refere-se à População Ocupada (PO).

Ab! Sempre tem pessoa que vê eu pegar, tem na rua, tem umas muíé que fica brava comigo: “é vem [...] atrapalhar nós”. Eu falei: “não dona Maria, a cidade é tão grande... a senhora vai por ali, eu entro por aqui, depois eu volto lá onde cê passou tem material pra mim, pra que nós discutir?” xinga eu, caba com minha ordem e eu falo: Deus abençoa ela. (Entrevista com o Sujeito 2, 13-10-2019).

Tem, tem, eu nunca tive atrito com ninguém. Tive um amigo meu ali que teve. Um dia eu fui pro lado da exposição ali tem um hotel grande [...] e lá no fundo dele tem uma porta onde que eles bota o lixo lá, o reciclado. [...] um dia eu peguei lá uma pessoa ficou me reparando, um catador também ficou me reparando numa esquina, aí ficou muito tempo lá, enquanto eu tava catano as coisa, ele ficou lá na esquina me olhando. Mas nunca falou nada também não. Aí até parei de pegar pra lá também. [...] tem conflito, tem gente que fala: “num pega aqui não porque aqui é minha área e tal” eles fala isso. Comigo num aconteceu, mas com outro já aconteceu. tem um rapaiç que vem de longe, lá do São Cristóvão pra aqueles lado de lá, vem pegando aqui pra baixo. (Entrevista com o Sujeito 5, 21-10-2019).

Não, num tem porque o cara arreia né? Você, por exemplo, você vai empurrando o carrinho aqui, aí eu tô de bicicleta, passo na sua frente, eu tô vendo que ele tá empurrando o carrinho, ele tá fazendo o mesmo que eu tô fazendo, então, num adianta eu pular na sua frente e fazendo você de bobo, eu vô catando, você atrais, você vai catar o quê? Então é a hora que a gente vê os bate boca. [...] o cara já vai embora, o cara fala umas besteira e sai de perto [...] brigar na mão não. (Entrevista com o Sujeito 6, 21-10-2019).

Existe, muitos. É... a gente vai pra catar, tem algumas pessoas, igual uma senhora que mora aqui perto mesmo, ela não precisa catar, e ela acha ruim da gente catar na frente dela e ainda vai no carrinho do meu marido e pega. Tem muita gente disputando, não gosta que a gente mexe no lixo, fica brigando por causa de reciclagem. [...] alguns discutem mesmo, alguns fazem discussão mesmo, bate boca, um xinga o odo, acha ruim de pegar o lixo do odo, mexer na reciclagem, ir na frente, agressão de mão num tem não, só mesmo de boca (Entrevista com o Sujeito 7, 15-12-2019).

Oh eu vô te falá a verdade, tem um velho aí na rua de carriola, ele anda de carriola catano, e só cata pet e latinha, mais nada. Ele tem capacidade de eu acabar de catar reciclagem, deixar o lixo arrumadinho, que eu sei o tanto que o lixeiro sofre e o catador sofre isso aí [...] agora eu acabo de catar e o cara vai rasgar pra quê? Ele tem que pensá um pouco na cabeça dele. Eu já até discuti com ele umas três vez já, falei ó: oce quer catar, senhor marra o saco de novo. Experimenta catar o lixo pro cê vê o tanto que é bão pá tosse. Experimenta (Entrevista com o Sujeito 9, 16-12-2019).

Só quando é festa da Abadia. Aí começa a sai briga né [...] mas nós parou de ir (Entrevista com o Sujeito 10, 16-12-2019).

Não. Não, só la no bairro que eu moro. No bairro memo que eu moro a gente vai catar – ou mais aí é meu. Aí é lugar de eu catar. Então eu num cato nenhuma garrafa lá. E eu sendo que eu moro lá. Eu cato pra cá porque pra cá ninguém fala nada. Um amigo da gente faló tamém que lá num era lugar dele catá, que lá era deles. Ele vem pra cá também... eu cataria lá que é mais perto pra mim, mais como que eles fica falano então eu num cato lá. Mais pra mim é melhor porque todo mundo gosta de mim aqui (Entrevista com o Sujeito 13, 16-12-2019).

Não, sempre tem os catadô, má não, eu, pelos ano que eu faço num tem diferença não. Já teve uns ano pá trais essas ideias aí, mas hoje em dia num tem isso mais não, queu só o mais veio que ando pus lado. Paques lado eu só o mais veio que anda ali é eu. Tô toda semana, todos dia, issai nunca teve. Mesma coisa se eu tiver, eu tô lá muitos ano, se parecê ôto catano eu num posso daná, tem pá todo mundo, é público, tem pá todo mundo. A pessoa i lá e catá, talvez tá peisano tamém, né? Todo mundo tem direito, né? Eu num vô dá conde catá tudo, é muita coisa (Entrevista com o Sujeito 14, 27-12-2019).

Abam (risos), tem mulher que agarra até de unha lá com as reciclagem. É, temixxx, se uma vê um monte de lixo ali e a outra em vem e a outra tá longe, a em vem chegando, ela fala: “num cata não que isso aí é meu”. E a outra fala para ela: “não, mais tem seu nome aqui num lixo?” (risos). E tem um punhado de homem. Eles anda até de moto catano garrafa. Passa na frente da gente e vai que nem uma vala e vai limpando o que tiver na frente (Entrevista com o Sujeito 15, 27-12-2019).

Para essa questão foram obtidas treze (13) respostas dos dezesseis (16) entrevistados, delas julgamos imprescindíveis 10 registros. Oito (8) das treze (13) respostas confirmaram que entre os catadores não há agressividade física, permanecendo as disputas de territórios limitadas às discussões verbais. As outras cinco (5) respostas afirmam não haver conflitos territoriais pelo fato de nunca ter acontecido em suas práticas de catação. Entretanto os catadores que confirmaram a existências das disputas, igualmente, não se envolveram em nenhum conflito.

Na elaboração das representações sociais utilizou-se a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Para Figueiredo, Chiari e Goulart (2013) O uso da técnica do DSC abre um panorama cuja realização das categorizações “formam um painel de representações sociais” que visam construir um discurso único entre os participantes de determinado segmento.

As representações sociais são esquemas sociocognitivos que as pessoas utilizam para emitirem, no seu cotidiano, juízos ou opiniões. Tais esquemas são acessíveis através de depoimentos individuais. Os discursos individuais são agrupados, por semelhança semântica, em discursos-síntese redigidos na primeira pessoa do singular, de modo a configurar um sujeito coletivo portador de uma opinião social (FIGUEIREDO; CHIARI e GOULART, 2013, p. 135).

Outro aspecto essencial desta metodologia são as investigações pautadas sobre as histórias coletivas que em conformidade com Lefevre e Lefevre:

[...] refletem ou carregam códigos narrativos socialmente compartilhados; por isso, é possível com os conteúdos e os argumentos dos diferentes depoimentos que apresentam sentido semelhante, construir, na primeira pessoa do singular, uma narrativa verossímil, ou seja, uma história aceitável para um indivíduo culturalmente equivalente aos pesquisados (LEFEVRE e LEFEVRE, 2014, p. 504).

Em uma possível categorização das falas, identificaram-se algumas expressões chaves que caracterizam as disputas territoriais e os possíveis conflitos, bem como os mecanismos para evitá-los. Estas expressões chaves foram reunidas no quadro 2 e extraíram-se delas as

ideias centrais para se produzir um discurso que procura generalizar os depoimentos dos catadores entrevistados sem distorcer sua fala original.

Quadro 2: Expressões chaves dos depoimentos dos catadores entrevistados, 2019.

(5) Bate boca;	(2) A cidade é grande; tem pra todo mundo
(4) Espaço dele; aqui é minha área; isso aí é meu;	(2) Tem que acordar cedo
(3) Passar na sua frente;	(1) Desvio; Atrito; Conflito; Rasgar o lixo; Não gosto de problema;

Fonte: trabalho de campo, Silva (2020).

Valendo-se dessas ideias centrais, o discurso a seguir (quadro 3) foi construído na tentativa de expressar uma representação social dos catadores entrevistados.

Quadro 3 – Síntese dos discursos dos catadores avulsos sobre disputas territoriais, 2019.

Muitos de nós que necessitamos trabalhar todos os dias precisamos acordar bem cedo, pois, desde madrugada já tem catador nas ruas. Tem muita gente disputando os materiais recicláveis nas lixeiras. Às vezes acontecem discussões verbais entre a gente, procuramos evitar atrito, afinal a cidade é grande e podemos catar em outras localidades também. Quando uma pessoa marca o território afirmando que ali é o espaço dela, temos que ir para o bairro da frente. Um dos problemas que tem acontecido é quando nos deparamos com outro catador que passa à nossa frente para recolher o material com um equipamento melhor. Há também aqueles mal-educados que fazem a sociedade desprestigiar toda a categoria, são catadores que rasgam o saco de lixo para retirar o que lhes interessa e em seguida não fecha direito ou deixa rasgado. Tanto os moradores quanto os garis do caminhão de coleta convencional, com razão, irão hostilizar também os catadores que procuram fazer o trabalho corretamente, isto é, recolher o material das lixeiras sem deixar o lixo bagunçado. Cada um de nós tem um itinerário que seguimos, sabemos onde estão os materiais disponíveis para catação. Esse itinerário é para nós a garantia de uma alimentação e pagamento das contas, dos vícios e dos medicamentos que precisamos. Entretanto, seguidamente, nós catadores nos encontramos pelas ruas e ao invés de disputarmos pelos recicláveis, nós nos reconhecemos como sujeitos necessitados e que imprimimos nossa força de trabalho em busca de sobrevivência.

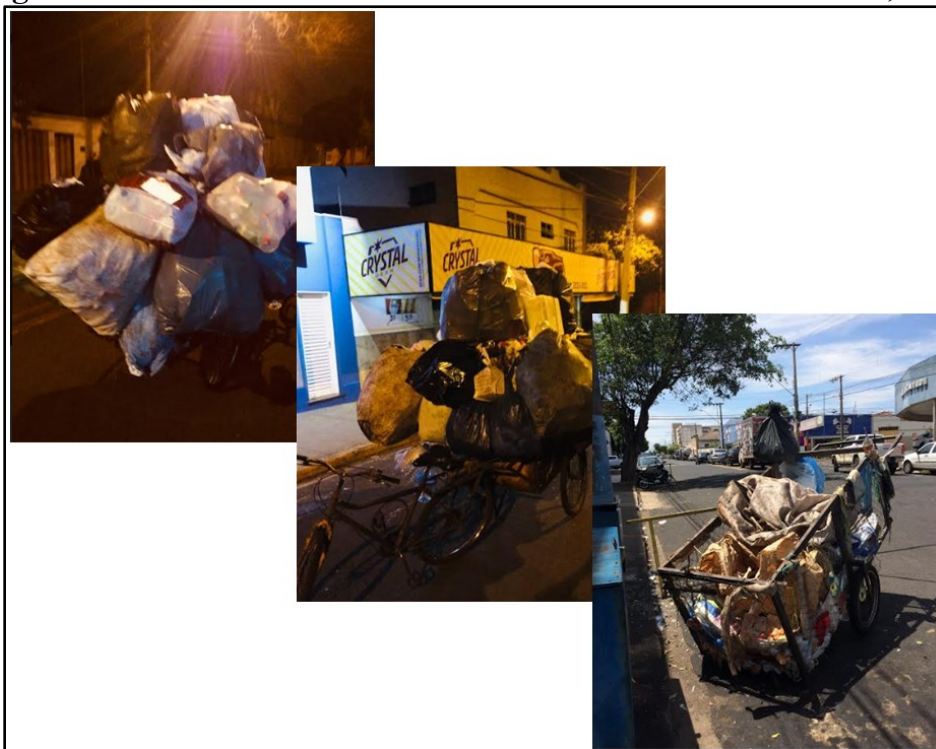
Fonte: trabalho de campo, Silva (2019).

O que se observa nas falas dos catadores é a dinâmica de uma prática territorial. É a vivência do território e o modo como eles se estabelecem nos espaços, reelaborando, reinventando e tornando sua presença mais significativa de maneira a re-significar minimamente a própria dinâmica nos lugares. Configura-se, destarte, em expressões territoriais. Ainda que no espaço se instalem novas técnicas e se criem novas sociabilidades entre os indivíduos, os revirantes, em exercício de trabalho precário, se inserem no cenário

urbano como atores imprescindíveis na atividade de catação, estabelecendo seu próprio tempo de trabalho e o itinerário que melhor lhe convém.

As imagens da figura 3 foram tomadas no momento do trabalho dos sujeitos 5 e 14.

Figura 3: catador carrinheiro e catador em bicicleta revirando dia e noite, 2019.



Fonte: acervo pessoal, Silva (2019).

O que mais impressiona nas duas imagens noturnas, além do volume de materiais recicláveis coletados em uma bicicleta com uma pequena carreta acoplada, é a estratégia do Sujeito 14 para realizar a jornada de trabalho. O Sujeito 14 recolhe materiais recicláveis todos os dias entre as 15h30 e 7h30 do dia seguinte. As razões estão na baixa concorrência com outros catadores e sua inclinação em trabalhar no período noturno.

Os sujeitos entrevistados reproduzem entre si as mesmas queixas diante das práticas de comercialização, sobretudo, referente à exploração no valor do material coletado. Para tentar valorizar um pouco mais o seu próprio trabalho, muitos catadores usam estratégias de negociação com vários intermediários no ato da venda de seu material coletado na fonte.

Será apresentada a seguir uma sequência de falas coletadas nas entrevistas acerca da exploração do trabalho do catador figurado no preço dos materiais:

Não compensa, tem que procurá o lado mais fácil pra ti, ganha pouco, é lógico, ganha pouco, mais pra ti, a [nome da empresa] vende lá muito pet, não é só dois três beg não, é seis, oito beg

pra cima. Muita coisa. [...] porque aqui em cima tem uma, uma moça aqui em cima que compra tamém, é mais perto, e tem lá no, no [nome da empresa] tamém, entendeste? Mas muda basicamente de preço [...] tu vai lá de lá, fica mais longe, aqui mais perto, é mais barato. E lá pra longe é um poquim melhor [...] eu prefiro mais longe [...] andar mais pra ganhá um pouquinho mais dinheirinho. (Entrevista com o Sujeito 1, 20-09-2019).

Não adianta, né? Já tomei muito prejuízo aqui. O [nome do comprador] pensou que eu ia vender as latinha pra outro, [...] falei: “não... é do ceis aí, melhora um pouquinho que elas vai tudo, vai agora no caminhão (risos)”. Falei: “vô pensar aqui, depois eu falo.” (Entrevista com o Sujeito 2, 13-10-2019).

Quem paga mais eu vendo. Eu olho o peso, quem paga mais, eu vendo, porque o preço vareia muito. Um dia é um preço outro dia é outro. Tem diferença de depósito pra depósito. Se o catador que catar menos, o depósito paga pra ele o normal, o catador que catar mais ele paga preço de depósito, aí depende. [...] Aí o papelão pra outro, eu nem entrego a mercadoria toda. Quem pagar mais aí, eu vendo. A mercadoria mais cara pra um e aí vai. (Entrevista com o Sujeito 4, 19-10-2019).

O pet eu vendo só pra um, agora a latinha, o cobre, o metal, esse eu tô juntando, esse eu nem vô vendê. [...] aqui eles tão falando agora que tão pagando 4 real o quilo de latinha [...] nos outro depósito ali, eles paga 3,50 e 3,70. Aí ocê pula o rio [Rio Grande, divisa entre MG e SP] de lá, de lá. Igual eu fui em Ribeirão no depósito lá, o cara falou eles paga lá a latinha, o alumínio não tem diferença. Tudo é um preço só, tudo 5 real. Aqui o fio queimado eles paga 16, 17, lá é 21. O metal aqui eles paga 7 real, lá é 12. [...] eu tô com uma mercadoria lá se Deus quiser, eu tenho certeza que se eu vender lá, eu vô ter condições de pegar um dinheirinho mais o menos. (Entrevista com o Sujeito6, 21-10-2019).

Queria que aumentasse o preço e num baixá do jeito que tá baixando. O papelão baxou pra vinte cinco [centavos], a pet baixou pra um real, a latinha passou pra três e cinquenta, num tá comprando as bandejinha de ovo mais, [...] tá baixando. [...] um beg desse de pet num dá cinquenta quilo, no máximo uns vinte cinco, trinta quilo. [...] Ah, tá tomando o dinheiro da gente rapaiç! Ah baixou a pet, uai! (Entrevista com o Sujeito 9, 16-12-2019).

Eu vendi pra um, mais só que ele tava me passando pra trás, aí eu passei pro outro, tava pagando mais. Bão, aí o outro começou a cair, eu liguei e voltei pro outro que é o mesmo que eu vendia. A gente cata os vidro que tem gente que gosta de mexer com pimenta aí eu cato os vidro. Agora quando esse não quer, eu não cato. As garrafa de cerveja eu vendo [...] é melhor, é melhor pra gente, dá mais um dinheirinho. (Entrevista com o Sujeito 13, 16-12-2019).

Como possível representação social, os depoimentos dos catadores podem assim ser compreendidos a partir da construção do discurso único com base nas ideias centrais do quadro 4:

Quadro 4: Ideias Centrais dos depoimentos dos catadores entrevistados, 2019.

(5) vendo pra quem paga mais; outro paga mais.	(2) o preço muda
(2) andar mais pra ganhar mais	(3) tá tomando o dinheiro da gente; tava me passando pra trás; já tomei prejuízo.
(3) muito barato; preço muito baixo; ganha pouco	(1) o peso do material,

Fonte: trabalho de campo, Silva (2020).

Com o uso dessas ideias centrais, as falas dos catadores foram sintetizadas, formando um único discurso conforme apresentado no quadro 5 a seguir:

Quadro 5: Síntese dos discursos dos catadores avulsos sobre seu trabalho, 2019.

Vendemos os materiais para quem paga mais. Estamos sempre atentos aos preços dos materiais entre os compradores. Aquele que pagar um valor maior leva o material que coletei. O ideal seria se o preço do material aumentasse. Com o preço do material muito baixo, precisamos buscar uma forma mais facilitada para que nosso trabalho seja valorizado. Os depósitos praticam valores diferentes entre si, isso nos dá a possibilidade de escolher pra quem vender e, dessa forma, escolhemos quem pode pagar mais, mesmo que necessitemos andar um pouco mais longe para conseguir um valor melhor. Porém, enfrentamos outro problema que é a desonestidade dos donos de depósito. Muitos depósitos alteram a balança para o material pesar menos de forma a causar prejuízos para nós que trabalhamos duro em busca de recicláveis para atender nossa demanda pessoal.

Fonte: trabalho de campo, Silva (2019).

O baixo valor do material afeta diretamente a vida do catador. Esse fator impõe aos trabalhadores da catação de recicláveis extensas jornadas de trabalho que variam entre 6 e 14 horas diárias, quase todos os dias da semana, no intento de possibilitar um rendimento que talvez atenda suas necessidades emergenciais. Os catadores que necessitam de medicamento regular nem sempre conseguem no setor público. Os medicamentos mais dispendiosos são os que não estão “gratuitamente” à disposição da população de baixa renda.

É observado nos discursos desses trabalhadores que todos (eles e elas) conhecem bem a prática comercial do mercado de recicláveis, pelo menos na parte de baixo, ou seja, na base do circuito da reciclagem, pois a essa base ele/ela está conectado. O catador sabe que há flutuação nos preços dos materiais, o catador sabe e acompanha essa oscilação. Apropriando-se desse conhecimento (que acontece por meio de uma inteligente comunicação entre os sujeitos), os catadores estão sempre em busca de melhores preços por seus materiais entre os intermediários, esta é mais uma característica marcante da categoria. O sujeito 6 ainda exerce a tentativa de segurar o material acumulando uma quantidade atraente para compradores que irão pagar um valor maior⁹ do que compradores habituais.

A discrepância dos rendimentos do mercado de recicláveis, quanto às negociações do resultado do trabalho dos catadores, expresso nos materiais coletados é, segundo a lógica desse mercado, um preço justo. O que parece justo tem como suporte a ideia de que os catadores têm a liberdade de vender o material para o comprador que ele escolher. Todavia, é bem sabido que os preços passados da indústria aos intermediários da reciclagem chegam

⁹ No mercado de reciclagem, sobretudo na parte inferior do circuito produtivo, a lógica do melhor preço é a maior quantidade ou volume. Os menores estípidios são reservados para os catadores que recolhem, individualmente, pouco material e realizam pouco beneficiamento. Nesta lógica, o atravessador que reúne um volume e peso maior dos materiais comprados pelos catadores consegue preços mais atraentes.

reduzidos na negociação com os catadores. Na verdade, o catador tem o direito de escolher para quem deseja vender o resultado de seu trabalho, mas não tem condições de barganhar valores. Os valores dos materiais estão sob o controle dos donos das indústrias de recicláveis, contudo, quem dita o preço para os catadores são as empresas de intermediação que não pretendem perder sua margem de lucro na compra e venda do material coletado pelo catador.

Embora seja público e notório o avanço da precarização do trabalho e das deformações que as relações trabalhistas vêm sofrendo, os empreendimentos de catadores não possuem um caráter crítico de enfrentamento direto perante as contradições impostas pelo Estado que atua em favor do patronato, porém estes sujeitos e suas atuações são provenientes das próprias contradições que marcam a sociedade capitalista globalizada e seu sistema de ideologias abalizadas no neoliberalismo.

Além da exploração do trabalho no valor do material coletado pelos catadores, outra explicação vem do próprio mercado de reciclagem. O Sujeito 17 [*proprietário de depósito*] explica o porquê das oscilações do mercado:

É... o comprador geralmente é assim, a gente num tem um comprador fixo porque eles fala que depende um pouco do dólar, mas num tem nada a ver o dolar, depende da necessidade da pessoa. Eu preciso do material pra tá derreteno e fazer uma panela. Então não tem nada a ver com o dólar, depende da necessidade do comprador. Então dependendo o dia, eu entrego em Belo Horizonte, às vez eu entrego em Uberlândia, às vezes eu entrego em Monte Carmelo, então dependeno o dia, dependeno o preço, né? Porque às vez eu entrego essa semana em Belo Horizonte, a semana que vem ele num vai querer, que já tá estocado, então tem que pular pro outro lado. Então a gente num tem um cliente fixo assim, fregus fixo pra tá vendeno, são vários, né? (Entrevista com o Sujeito 17, 22-10-2019).

Esta questão fica ainda mais esclarecida quando o S 17 é perguntado pela quantidade de catadores que procura seu depósito para realizar as negociações:

Por alto eu acho que deve dá aí, não muitas pessoas não, porque às vezes assim: tem dia que eu tenho um preço bom de latinba, e eles vende pra mim, amanhã ou depois a firma onde eu entrego não tá com o preço tão bom, mas o meu concorrente tá melhor que a minha. Então eles não tão aqui, eles tão lá. Então assim, não é um cliente direto com a gente, né? Mais eu acho que chega aí uns 300, 400 mais o menos, às vez dá mais, às vez dá menos um poquinho, né? (Entrevista com o Sujeito 17, 22-10-2019).

A gerente administrativa de uma grande empresa de reciclagem em Uberaba-MG [Sujeito18] confirma a fala do sujeito 17 e finaliza destacando o repasse de valores dos materiais aos catadores e enfatiza a necessidade do lucro:

[...] pra gente é o mercado que dita as regras. É... nós somos assim, estamos completamente nas mãos da indústria, ela que dita o nosso preço. É conforme a necessidade dela, ela sobe ou abaixa preço, se ela tá com o estoque em alta ela tem esse poder de abaixá o preço. E se ela tá com o

estoque baixo, ela precisa de matéria prima, ela sobe o preço pra não faltá produção pra ela. [...] A indústria passa pra gente, a gente vai repassá isso pro sucatero, e vai repassá isso pro catador [...] na verdade tamém não é tanto que você não qué perdê, é porque a sua despesa ela não diminui. Então você precisa manter a porcentagem de lucro. (Entrevista com o Sujeito 18, 23-10-2019).

A compreensão para a lucratividade das indústrias de reciclagem e dos grandes intermediários foi tema de debate na tese de Gonçalves (2006), colocadas como dupla dimensão em que se tem de um lado o trabalho dos catadores como base garantidora dos fluxos de materiais recicláveis e de outro lado trata-se da “possibilidade de recuperar o trabalho já materializado nesses objetos, mercadorias” (GONÇALVES, 2006, p. 115).

O fato de os catadores exercerem trabalho precário, em más condições de salubridade e higiene, riscos à saúde, de muitos deles realizarem dupla jornada ou extensa jornada de trabalho diário etc., sem nenhum vínculo formal, garante aos grandes compradores pagarem pelo material um valor barato coletado por mãos igualmente baratas. Gonçalves explica que:

Se os trabalhadores catadores mantivessem uma relação trabalhista formalizada com as indústrias recicladoras ou com os atravessadores, se realizassem o trabalho de catação e de separação em local e em condições técnicas e de salubridade adequadas, tudo isso representaria aumento dos custos e, conseqüentemente, a diminuição dos lucros, ou mesmo a inviabilidade do empreendimento [...] (GONÇALVES, 2006, p. 115).

Evidentemente os custos operacionais, gerenciais e a aquisição de todo aparato necessário à catação que é feita hoje pelos catadores afetariam a lucratividade das indústrias e grandes intermediários. Dessa forma, os catadores com seu rudimentar meio de produção, contando, sobretudo, com a tração do corpo/força de trabalho, se constituem em uma imprescindível chave mestra para a lucratividade dos empresários maiores. Os proprietários dos meios de produção que fabricam objetos reciclados não são responsáveis pelo trabalho de base, isto é, pela catação na fonte geradora. O que esses atores não investem na base do circuito da reciclagem já se configura como uma lucratividade concreta, ainda que não reconhecida pelo empresário. Os custos com a operacionalização são todos, ou parcialmente, transferidos aos catadores em exercício direto a partir de sua força de trabalho.

A outra dimensão analisada por Gonçalves (2006) em busca de compreender a lucratividade das indústrias recicladoras está não só na revitalização das propriedades físico-químicas dos materiais de um dado produto, mas também na restauração do “valor atribuído pelo trabalho utilizado em sua produção anterior, e que nele continua incorporado”. (GONÇALVES, 2006, p. 116).

O objetivo final das indústrias recuperadoras é resgatar o valor de troca dos materiais, recolocando-os no mercado consumidor como nova mercadoria. Essa transformação credencia o produto como um valor de uso. Entretanto numa reflexão anterior ao do produto reciclado, os materiais recicláveis são atraentes à indústria por possuírem um valor de uso forjado pelo trabalho humano, nesta direção Gonçalves acrescenta:

Neste contexto, o que os trabalhadores catadores recolhem nos lixões e nas ruas não é um lixo qualquer, um objeto qualquer, mas produtos que têm trabalho humano incorporado e que possuem determinado valor de uso para indústria da reciclagem, o que possibilita a sua comercialização (GONÇALVES, 2006, p. 116-117).

Para tanto, advogar sobre a importância do trabalho do catador expressa-se exatamente na empregabilidade do seu trabalho vivo na metamorfose da mercadoria descartada “desprovida de valor de uso” em nova mercadoria, resgatando ou renovando seu valor de uso (para o mercado de recicláveis) e recolocando-a em circulação. Essa linha de reflexão foi traçada por Marx (1989) quando se refere ao trabalho como uma “chama”, a qual pode-se inferir como transformadora:

Uma máquina que não serve ao processo de trabalho é inútil. Além disso, deteriora-se sob a poderosa ação destruidora das forças naturais. O ferro enferruja, a madeira apodrece. O fio que não se emprega na produção de tecido ou malha, é algodão que se perde. O trabalho vivo tem de apoderar-se dessas coisas, de arrancá-las de sua inércia, de transformá-las de valores-de-uso possíveis em valores-de-uso reais e efetivos. O trabalho, com sua chama, delas se apropria, como se fossem partes do seu organismo, e de acordo com a finalidade que o move lhes empresta vida para cumprirem suas funções; elas são consumidas, mas com um propósito que as torna elementos constitutivos de novos valores-de-uso, de novos produtos que podem servir ao consumo individual como meio de subsistência ou a novo processo de trabalho como meio de produção (MARX, 1989, p. 207-208).

Evidentemente Marx nos fala de matérias primárias extraídas direto da natureza. No contexto da indústria recicladora, os novos produtos apenas são possíveis por meio da força de trabalho, pois sem a qual as indústrias não receberiam os “insumos”. Todavia, antes mesmo de as matérias secundárias coletadas nas fontes geradoras chegarem aos galpões industriais, os materiais recicláveis já passaram pelos beneficiamentos que os donos de indústrias estão isentos de qualquer estipêndio.

Embora a reciclagem ou o reaproveitamento não seja uma prática moderna, o moderno está na forma de realizá-la a partir das novas técnicas da indústria recicladora e,

nova é também a aceção do conceito hoje alinhado a discursos ambientais referentes à sustentabilidade, emprego e renda, desenvolvimento econômico sustentável etc., posturas que para Layrargues (2002) não passam de “cinismo” e, conforme Assada (2015), os catadores formam:

[...] uma mão de obra abundante nas cidades que não se integrou às indústrias modernas nos países periféricos, aliada da ampliação da precarização na globalização neoliberal, é a força de trabalho precária sobre a qual se ergue a indústria da reciclagem, que se baseia na superexploração do trabalho dos catadores (ASSADA, 2015, p. 13).

Como também é bastante sabido, as máquinas e equipamentos adquiridos pelas indústrias processadoras de sobras na casa de milhões de dólares são postas em funcionamento em razão do fluxo de trabalho dos catadores com suas retiradas capazes de minimamente reproduzirem seu fôlego diário. Esta é uma clássica relação entre trabalhadores e grandes empresas, já debatida à exaustão pelas obras supracitadas de Marx, porém, nos dias atuais, sem nenhum vínculo empregatício, sobretudo no mercado de recicláveis.

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (MARX, 2005, p. 111).

Quanto mais tempo de vida o catador dispense em busca de uma ínfima remuneração pessoal, tanto mais riqueza ele coloca no circuito econômico da reciclagem. A investigação empírica confirma essa elaboração teórica. O quadro 6 é uma indicação sobre os dias e as horas trabalhadas pelos catadores pesquisados em Uberaba-MG.

Quadro 6: organização do tempo de trabalho dos catadores, Uberaba-MG, 2019.

Sujeitos pesquisados	Dias trabalhados na semana	Média de horas trabalhadas/dia	Outra fonte de renda
S 1	7	12	-----
S 2	6	5	Aposentado
S 3	7	9	Aposentado
S 4	6	10	-----
S 5	5	10	-----
S 6	3	9	Anistiado
S 7	6	8	Dupla jornada
S 8	6	8	-----
S 9	7	7	Dupla jornada
S 10	6	6	Aposentado
S 11	6	8	Faz bico
S 12	7	12	-----
S 13	3	3	Aposentado

S 14	6	15	-----
S 15	4	2	Aposentado
S 16	7	2	Aposentado

Fonte: Trabalho de campo, Silva (2019).

Trata-se de um tempo desvalorizado de todas as formas. Os valores ínfimos pagos pelos donos de depósitos não incluem o valor de tempo trabalhado senão apenas o pagamento do material conforme o preço do mercado. O valor de uso somente é agregado quando processado e depurado por maquinários e por fim transformado em nova mercadoria, ou seja, quando os catadores já não participam das demais etapas. Somente o resultado do trabalho expresso na quantidade de material recolhido é reconhecido pelo mercado de reciclagem, como se a força de trabalho, a tração do corpo e o ser humano por trás de toda operacionalidade seminal fossem inexistentes do processo.

Referente às especificidades no quadro 6, notam-se as diferenças nos dias e horas trabalhados entre os catadores pesquisados: quem menos exerce trabalho são os catadores aposentados, sendo um deles anistiado. Os catadores que têm na reciclagem sua única ocupação precisam trabalhar o maior número de horas que o corpo suporta para alcançar uma renda que talvez lhe proporcione a sobrevivência.

Quando vimos um Ricardo Antunes (2001), ainda no início do século XXI, apresentar-nos as transformações do mundo do trabalho reestruturadas a partir da orientação neoliberal, é inteligível constatar a desvalorização da força de trabalho, tendo em vista o desprovimento de qualquer orientação solidária do capital, como argumenta o autor:

[...] há também, em escala mundial, uma ação destrutiva contra a força humana de trabalho, que encontra-se hoje na condição de precarizada ou excluída. Em verdade, estamos presenciando a acentuação daquela tendência que István Mészáros sintetizou corretamente, ao afirmar que o capital, desprovido de orientação humanamente significativa, assume, em seu sistema metabólico de controle social, uma lógica que é essencialmente destrutiva, onde o valor de uso das coisas é totalmente subordinado ao seu valor de troca. (ANTUNES, 2001, p. 36-37).

De modo geral, os catadores são atingidos de forma implacável pelo controle sociometabólico do capital que minimiza seus rendimentos e conseqüentemente distanciam esses sujeitos de sua busca por dignidade.

Ao disputar os resíduos sólidos dispersos pelo espaço, os catadores acabam desenvolvendo uma prática territorial propensa à catação de recicláveis, daí figura-se o território praticado pelos catadores. Para essa empreitada, os catadores não contam com

outros meios senão sua força de trabalho, com a tração de seus corpos, enquanto os atores hegemônicos, sobretudo os donos da indústria, detentores dos meios de produção mais sofisticados, beneficiam-se gratuitamente da força de trabalho dos homens e mulheres subjugados pelo capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por entre as anotações deste artigo compreende-se que as atividades de recolhimento de materiais recicláveis é uma prática dos dispersos territórios horizontais – o “território praticado” no dizer de Ribeiro (2003). As práticas territoriais dos catadores exigem abundância de trabalho, longos itinerários e tempo trabalhado expresso nas horas dedicadas para um ganho que apenas talvez cubra sua demanda pessoal.

Notadamente, as leituras pautadas na dialética do trabalho, analisadas sob o método geográfico, as quais consideram o trabalho como mediador entre a sociedade e o território e as observações da pesquisa com os catadores, proporcionaram importantes esclarecimentos quanto à organização das práticas territoriais dos sujeitos revirantes e as contradições acerca da coleta seletiva em Uberaba-MG, por se tratar de uma atividade essencialmente de obrigação do poder público local, mas que ainda é provida pelos sujeitos catadores forçados a exercer trabalho precário.

O que se nota concretamente são “as formas e a efetividade”, conforme Harvey (2016, p. 69) salienta, “da relação contraditória entre capital e trabalho”, de modo que esta contradição basilar “têm sido muito estudadas e há muito tempo têm um papel fundamental na definição da necessidade de lutas políticas, revolucionárias e reformistas”. Junto à reorganização capitalista para a apropriação do território, apoiado no desenvolvimento técnico-científico e informacional, vê-se o aprofundamento do controle sociometabólico do capital alinhado às orientações do neoliberalismo que jogam trabalhadores em massa ao desemprego, ao desalento ou à cata de trabalhos parciais, ao subtrabalho, à informalidade, à terceirização de distintos setores, à uberização, à falácia da “economia compartilhada”, do Micro Empreendedorismo Individual (MEI), às subcontratações flexibilizadas etc., diluídas na anarcoestrutura da contraditória relação de forças entre capital e trabalho.

O debate que atual e preteritamente tem sido evitado entre os empresários e o poder público é acerca da remuneração dos catadores e catadoras pelos serviços de coleta seletiva que não reduz apenas ao pagamento por uma prestação de serviço ambiental, mas trata-se

de um maior significado, sobretudo na possibilidade da transformação da vida social e econômica das pessoas carentes que vivem da catação. Contudo esta possibilidade é maquiada com medidas empresariais engenhosas cujos resultados em nada são alterados.

Referimos aos programas ambientais das operadoras de Créditos de Logística Reversa (CLR) que fazem a intermediação das notas fiscais de cooperativas e associações de catadores e os empresários que necessitam realizar relatórios de sustentabilidade social e ambiental a partir do mínimo esforço, em razão dos impactos socioambientais de sua atuação. Os programas de CLR têm por objetivo ajudar as empresas poluidoras a “cumprir” com sua responsabilidade legal conforme a PNRS e, assim, promover medidas compensatórias dada a produção e comercialização de mercadorias pelas quais são responsáveis. Tais programas não atingem os revirantes que não são cooperados ou associados a um empreendimento econômico solidário¹⁰.

Em linhas gerais, o catador é um sujeito cujas condições de uma vida regrada são orientadas pela seta da pressa. Contraditoriamente seu trabalho, ainda que minimamente, *paripassu*, realiza uma importante contribuição para o bem-estar da sociedade e do meio ambiente, este mesmo trabalho debilita sua vida dada à precariedade latente.

Vimos claramente que a relação direta do catador com o mercado de reciclagem se dá a partir do trabalho de catação. O que o catador vende é tempo de trabalho, tempo de vida. Entretanto de forma subjetiva, concretizada no ato da venda do material em si e não em razão direta pelo trabalho realizado. O cinismo nessa relação é potencializado quando se pensa numa massa de trabalhadores imersos na precariedade do trabalho abastecendo sistematicamente esse sistema de contradições.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. L. C. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo, Boitempo, 2005.

_____. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo, Boitempo, 2002.

_____. **Trabalho e precarização numa ordem neoliberal**. In: GENTILI, P.; FRIGOTTO, G. (Org.). A Cidadania Negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 37-50.

¹⁰Para o ano de 2023 é previsto que os catadores não organizados em cooperativas possam participar dessas negociações fazendo uso apenas de seu documento pessoal, pois, atualmente é aceito pelas operadoras e empresas o uso do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ).

ASSADA, A. H. **(Des)(re)territorialização dos catadores de materiais recicláveis em São Paulo: de territorialidades precárias a disputas no interior do território.** 2015. 178 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

AZAÏS C. Território e trabalho: uma inscrição em temporalidades diferentes. **Novos Cadernos NAEA.** Belém, v. 7, n. 1, p. 31-56, jun. 2004. Disponível em: Acesso em: 11/03/2019. <https://doi.org/10.5801/ncn.v7i1.35>.

BURSZTYN, M. (Org.) **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores.** Rio de Janeiro, Garamond. 2003.

CALDERONI, S. **Os Bilhões Perdidos no Lixo.** 4º ed. Humanitas editora, FFLCH/USP, São Paulo: 2003.

CHEFEM, C. O. relações de gênero e raça em uma cooperativa de resíduos sólidos: desafios de um setor. In: PEREIRA, B. C. J; GOES, F. L. (Org.) **Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional.** Rio de Janeiro: Ipea, 2016, p. 47-74.

DAGNINO, R. de S; JOHANSEN, I. C. Os catadores no Brasil: características demográficas e socioeconômicas dos coletores de material reciclável, classificadores de resíduos e varredores a partir do censo demográfico de 2010. **Mercado de trabalho.** n. 62, 2017, repositório Ipea. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7796/1/bmt_62_completo.pdf#page=117. Acesso em 27.10.2019.

FIGUEIREDO, M. Z. A. CHIARI, B. M. GOULART, B. N. G. de. Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali-quantitativa. **Distúrb Comun,** São Paulo, 25(1): 129-136, abril, 2013.

FRANÇA, C. F. de S. Proposições teóricas sobre a categoria trabalho e sua abordagem na geografia. **Revista Pegada Eletrônica,** Presidente Prudente, vol. 18 n.1, abril/2017, disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/4966/3774>. Acesso em: 17.08.2018. <https://doi.org/10.33026/peg.v18i1.4966>.

GAMA, S. H. e. **Garimpeiros Urbanos: a valorização do "lixo" e a desvalorização do trabalho (um estudo de caso com catadores de materiais recicláveis de Salvador, Bahia).** 2015. 200 f. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015.

GOMES, H. **Reflexões Sobre Teoria Crítica Em Geografia.** Goiânia, CEGRAF/UFG, 1991.

GONÇALVES M. A. **O Trabalho no Lixo.** 2006. 310 f. Tese (doutorado em geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2006.

HARVEY, D. **17 contradições e o fim do capitalismo.** Tradução de Rogério Berttoni. São Paulo-SP, Boitempo, 2016.

LACOSTE, Y. **A Geografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 17^o ed. Campinas-SP, Papirus, 1988.

LEFEVRE, F; LEFEVRE, A. M. C. Discurso do Sujeito Coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2014 Abr-Jun; 23(2): 502-7. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072014000000014>.

LEFEVRE, A. M. C; CRESTANA, M. F; CORNETTA, V. K. A. utilização da metodologia do discurso do sujeito coletivo na avaliação qualitativa dos cursos de especialização “Capacitação e Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde-CADRHU”, São Paulo – 2002. *Saúde e Sociedade* v.12, n.2, p.68-75, jul-dez 2003.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social**, 2 [recurso eletrônico] /; tradução Nélio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes. - 1. ed. - São Paulo, Boitempo, 2013.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo, Martin Claret, 2005.

_____. **O Capital**: crítica da economia política. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. São Paulo, Bertrand Brasil, 1989. Volumes 1 e 2.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo, Contexto, 2007.

RIBEIRO, A. C. T. Pequena reflexão sobre categorias da teoria crítica do espaço: território usado, território praticado. In: SOUZA, M. A. A. de. (org) **Território brasileiro**: usos e abusos, São Paulo, Edições Territorial, 2003, p. 29-40.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro, Record, 2001.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4 ed. São Paulo, Edusp, 2012.

SILVA, M. C. P. **Coleta Seletiva de Recicláveis**: o protagonismo dos catadores na gestão de resíduos sólidos urbanos em Uberaba-MG. 2020. 211 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.424>.

SOUZA, M. J. L. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C; CORRÊA, R. L. (Org.) **Geografia**: conceitos e temas. 10^o ed. – Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007, p. 77 – 116.

THOMÁS JÚNIOR, A. Por uma Geografia do Trabalho. São Paulo, agosto de 2002. Revista **Pegada Eletrônica**. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/786/809>>. Acesso em: 09.02.2014.

WHITACKER, D. C. A. et. al. A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura? In: WHITACKER, D. C. A. **Sociologia rural**: questões metodológicas emergentes: Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002. p. 115 - 120.

Submetido em julho de 2023
Aceito em agosto de 2023